

O COMBATE À LESBOFOBIA POR MEIO DO DESIGN ATIVISTA

Combating lesbophobia through activist design

Rafaela Veber Bevilaqua¹, Profa. Dra. Renata Gastal Porto², Profa. Dra. Ruth Rejane Perleberg Lerm³

Resumo: A lesbofobia se caracteriza como o preconceito direcionado às lésbicas. Diferentemente da homofobia, a lesbofobia carrega consigo a misoginia e o sexismo, pois advém da cultura da heteronormatividade e da heterossexualidade como regime político (Wittig, 1980). Logo, a cultura vigente lança um estado de invisibilização e negação da existência da lésbica. O que culmina na falta de políticas públicas e preocupação para com este grupo. No que tange ao design, a produção acadêmica beira a ausência sobre projetos relacionados às lésbicas. Desse modo, o design ativista vem como ferramenta para o combate à lesbofobia.

Palavras-chave: lesbofobia; design; design ativista.

Abstract: *Lesbophobia is characterized as prejudice directed at lesbians. Unlike homophobia, lesbophobia carries with it misogyny and sexism, as it comes from the culture of heteronormativity and heterosexuality as a political regime (Wittig, 1980). Therefore, the prevailing culture creates a state of invisibility and denial of the existence of lesbians. This culminates in the lack of public policies and concern for this group. Regarding design, academic production on projects related to lesbians is almost absent. Thus, activist design comes as a tool to combat lesbophobia.*

Keywords: *lesbophobia; design; activist design.*

Data de submissão: 14 de outubro de 2024

Data de aprovação: 01 de novembro de 2024

1 INTRODUÇÃO

O preconceito direcionado às lésbicas é identificado como lesbofobia. Diferentemente da homofobia, a lesbofobia carrega consigo a misoginia e o sexismo, pois advém da cultura da heteronormatividade e da heterossexualidade como regime político (Wittig, 1980). Logo, alcança um estado de invisibilização e negação da existência da lésbica, o que culmina na falta de políticas públicas e preocupação com este grupo. Lesbofobia deriva da junção das palavras lesbos e fobia. Lesbos foi uma ilha grega em que viveu a poetisa Safo, aproximadamente entre os séculos 6 e 7 antes de Cristo e o sufixo fobia significa medo ou aversão. Portanto, a lesbofobia é o medo e/ou a aversão a mulheres lésbicas. Contudo, essa definição é simplista visto a posição que as mulheres ocupam na sociedade.

¹ IFSul - Instituto Federal Sul-rio-grandense - Câmpus Pelotas, rafaelavevilaqua3@gmail.com.

² IFSul - Instituto Federal Sul-rio-grandense - Câmpus Pelotas, ruthlerm@ifsul.edu.br.

³ IFSul - Instituto Federal Sul-rio-grandense - Câmpus Pelotas, renataporto@ifsul.edu.br.

2 DESENVOLVIMENTO

Para Lorenzo (2012, p. 134), a lesbofobia carrega consigo alguns elementos, tais como: a não aceitação do diferente e sua construção como desigual, a desumanização das lésbicas como pessoas estigmatizadas, a exclusão e a violência. A não aceitação como diferente e portanto desigual ao padrão heteronormativo, somado à opressão por ser mulher. Já a desumanização é um elemento recorrente de diversos tipos de violência, como o racismo. Consiste em não considerar aquela mulher digna de ser compreendida, reconhecer como um corpo estranho do qual não merece empatia. Isso ocorre principalmente com lésbicas que não performam feminilidade, elas são vistas como homens. Pois, quando a lésbica foge do padrão heterossexual e conseqüentemente da divisão dos papéis de gênero, recusando se a feminilidade, ela não é mais olhada com os mesmos olhos. Soares (2017) define que as lésbicas podem ser categorizadas em três grandes grupos: as visíveis, as meio-termo e as feminilizadas. Dentro do grupo das lésbicas visíveis estão as lésbicas infeminilizadas que nunca cederam ao processo de feminilização e as lésbicas desfeminilizadas, que em dado momento de suas vidas abandonaram a feminilização. Elas são visíveis pois “são aquelas que, em praticamente todas as situações de suas vidas, em geral situações públicas que envolvem comportamento, vestimenta, eloquência, atitudes e sociabilidade são interpretadas pela sociedade como lésbicas” (Soares, 2017, p. 94). “Bofes”/“*butches*” e “caminhoneiras” constituem algumas nomenclaturas que se referem às lésbicas visíveis.

As lésbicas meio-termo são aquelas que em um primeiro contato não são identificadas como lésbicas, estando sujeitas a confirmação da sociedade heteronormativa. Já as lésbicas feminilizadas

são aquelas que agregam ao seu ser, em todas as nuances, traços normalmente considerados típicos da mulher heterossexual padrão. São mulheres que não são lidas, num primeiro momento, como lésbicas pela sociedade e que são destinatárias de olhares de cunho sexual masculinos e femininos. As lésbicas feminilizadas costumam ter maior permeabilidade no mundo heterossexual; maior sociabilidade com pessoas heterossexuais de ambos os sexos; e sofrerem menos estigmas por serem lésbicas (Soares, 2017, p. 93).

As lésbicas visíveis e meio-termo são mais propensas a sofrerem com a exclusão de forma mais direta, ela ocorre desde o ambiente familiar até o público e resulta na violência como forma de controle e repressão. A exemplo, o estupro corretivo que é dirigido a mulheres que se relacionam com outras mulheres como maneira de punir e corrigir.

No Brasil, Kumpera (2021) destaca a influência que a ditadura civil militar (1964-1985) teve para a contribuição do estigma contra as lésbicas. Através da censura e do que era considerado certo e digno, a ditadura operou

para além da suposta necessidade de combater o comunismo e do imperativo da “ordem e progresso”, as políticas ditatoriais orientaram a construção de um ideal de nação no qual os sujeitos “que não estavam incluídos no modelo heteropatriarcal defendido pelo Estado eram alvo de perseguição e suas práticas, reprimidas” (Kumpera, 2021, p. 31).

Importante ressaltar que Rich (1985) coloca em seus ensaios o outro lado da existência lésbica, proveniente da lesbofobia, que são a culpa, autonegação, dor, isolamento, ódio pessoal, alcoolismo e suicídio. Temas que não são debatidos, assim como a solidão da lésbica.

Somente em 2018 foi lançado o primeiro *Dossiê sobre lesbocídio no Brasil*, uma iniciativa do grupo de pesquisa *Lesbocídio – As histórias que ninguém conta*. Foram analisados casos que ocorreram no país de 2014 a 2017 com o intuito de resgatar a memória das lésbicas assassinadas decorrente da lesbofobia. Os dados coletados se deram a partir da mídia e das redes sociais. No entanto, é entendido que esse recorte é apenas uma amostra, visto que a complexidade e o número real de casos não são divulgados pela mídia e as investigações não são levadas adiante. Importante ressaltar que o grupo contabiliza o suicídio de lésbicas como parte integrante do lesbocídio, uma vez que:

a condição lésbica é bastante complexa e trata-se de uma condição sociocultural, política e econômica que perpassa todos os indivíduos, pois vincula-se a manutenção de uma sociedade pautada por um modelo hegemônico heterossexual. Assim, o preconceito expresso em palavras e atos é a parte visível de valores e estruturas que sustentam a comunidade da qual as lésbicas serão sempre forasteiras. Ser lésbica é compreender que não existem espaços feitos para você e que sua existência nunca será validada pelo entorno social (Peres, *et al*, 2018, p. 27).

As lésbicas são invisibilizadas, porém o agravo é maior quando se trata de lésbicas negras e indígenas. Estatisticamente, a mortalidade das mulheres negras é maior que a das mulheres brancas, enquanto que as mulheres indígenas não possuem um estudo. Por conseguinte, pelo dossiê ter tratado de casos que vieram à mídia e redes sociais, inúmeros são os que não viraram notícia pelo fato da escolha de quem merece ser noticiada, neste caso, mulheres brancas. Os dados do *Dossiê sobre lesbocídio no Brasil (2018)* por raça/etnia foram concluídos em 57% brancas, 42% negras e 1% indígenas. A Tabela 1 mostra os números de acordo com cada ano.

Tabela 1 - Dados lesbocídio

Ano	Número de mortes
2014	16
2015	26
2016	30
2017	54

Fonte: Tabela elaborada pela autora com base em Peres (2018).

A progressão dos lesbocídios no decorrer dos anos analisados teve um aumento de 150% em apenas quatro anos (*Dossiê sobre lesbocídio no Brasil*). Esse número é assustador, somado à circunstância da inexistência de informações sobre a morte de lésbicas, o que é decorrência da lesbofobia, do racismo, sexismo e outros.

Cabe destacar que em 2016 o lesbocídio de Luana Barbosa⁴ ganhou atenção da mídia, tornando-se uma bandeira de enfrentamento à violência do Estado lesbocida. Luana foi abordada por três policiais enquanto levava seu filho de 14 anos para o curso de informática. Ela recusou a ser revistada pelos policiais homens, exigindo seu direito de ser revistada por uma policial, chegou a tirar a blusa para provar que era uma mulher. Mas não adiantou, ela foi espancada na frente do filho pelos três policiais, culminando na sua morte. O que vemos aqui é uma mulher preta lésbica periférica que não performava feminilidade sendo alvo direto da lesbofobia enraizada em nossa sociedade.

Já no ano de 2022 foram divulgados os dados pertencentes à primeira etapa do *LesboCenso: Mapeamento de Vivências Lésbicas no Brasil*. A pesquisa é realizada pela *Liga Brasileira de Lésbicas (LBL)* e pela *Associação Lésbica Feminista de Brasília - Coturno de Vênus*. De caráter quantitativo, o formulário teve 19.455 respondentes no período de 2018 a 2020, dividido nos seguintes eixos: auto identificação, trabalho, violência, família, saúde e redes. O mapeamento traz contribuições imprescindíveis acerca da realidade das lésbicas: 78.61% afirmaram já ter sofrido lesbofobia e 77.39% tem conhecimento de alguma conhecida que sofreu violência por ser lésbica/sapatão. Dentro das violências citadas, as três primeiras posições são ocupadas por assédio moral (31,36%), assédio sexual (20,84%) e violência psicológica (18,39%). Ademais, o *Lesbocenso* identificou que em 2017 em média 6 lésbicas foram estupradas por dia no Brasil. Em 61% desses casos a vítima foi estuprada mais de uma

⁴ Disponível em: <https://diplomatie.org.br/o-que-faz-o-caso-luana-barbosa-tao-assustador/>. Acesso em: 10 set. 2023.

vez e mais da metade ocorreram dentro da própria casa.

Entre outubro de 2021 e outubro de 2022, Kleinsorgen (2024) fez uma análise das notícias veiculadas no Portal G1, o mais lido do país, determinada a encontrar as cinquenta últimas matérias que em suas manchetes tivessem a palavra “lésbica”. Dos resultados encontrados, 50% eram sobre casos de violência, em que poucas foram descritas como lesbofobia ao longo do texto. 20% estavam relacionadas à cultura, eventos, ou celebridades “saindo do armário”. 16% eram sobre datas comemorativas, como o dia do orgulho lésbico. 10% sobre lésbicas e política partidarizada e 4% relacionados à saúde. Kleinsorgen (2024) evidencia que quando as matérias não tratavam sobre violência, a palavra “homossexuais” era usada para categorizar, incluindo as lésbicas na categoria de gays.

No que tange ao design, a escrita acadêmica beira a ausência sobre projetos relacionados a lésbicas. Foram analisadas oito plataformas de submissões de artigos e teses voltados à área para verificar o que existe de material e o resultado é fruto da invisibilidade sistêmica. Os termos buscados foram *design* e *lesbofobia*, *lesbofobia* e *lésbico/lésbica*. Somente na Blucher Design Proceedings apareceram dois resultados para *lésbico/lésbica*, porém se tratam de estudos voltados para a comunidade Lésbica, Gay, Bissexual, Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-binárias (LGBTQIAPN+) e não especificamente sobre lésbicas e/ou lesbofobia. Na Tabela 2 é possível conferir quais foram os sites utilizados para as buscas.

Tabela 2 - Pesquisa realizada em plataformas acadêmicas.

Periódico Científico de Design	Termos		
	Design e lesbofobia	Lesbofobia	Lésbico/lésbica
Blucher Design Proceedings	-	-	2
InfoDesign	-	-	-
Estudos em Design	-	-	-
Revista Design e Tecnologia - UFRGS	-	-	-
Revista UDESC - Human Factors in Design	-	-	-
Revista Poliedro - IFSul	-	-	-
Periódicos UFBA - Cultura Visual	-	-	-

Revista Projética - UEL	-	-	-
-------------------------	---	---	---

Fonte: Tabela feita pela autora (2023).

O surgimento do design como uma área de atuação profissional remonta ao período da revolução industrial, no qual foi preciso aperfeiçoar os meios de produção já inseridos no modelo capital para atender as necessidades das grandes empresas. Luke (2011) argumenta que durante os últimos dois séculos o design esteve tão intimamente ligado com sua própria cultura, que sua principal função é servir a economia de consumo, cooptado pelos interesses comerciais. Os autores Portinari e Nogueira (2016) pontuam que o design na sociedade trabalha distribuindo resultados em lugares pré-definidos, ou seja, aplica suas ferramentas para o *continuum* do sistema vigente. A ação de um design que tem vias ativistas, por sua vez, deve ocorrer no avesso, produzindo pequenas rupturas no regime.

Já o design ativista, portanto, vem como uma prática que rompe com o paradigma que é esperado de design. Ele apela para a "mudança através da utilização de métodos não convencionais, especialmente a ruptura de práticas, sistemas e estruturas regularmente reproduzidas de poder institucionalizado ou dominante" (Thorpe, 2010, p. 6). A autora Thorpe (2010, p. 1) define ativismo como "a tomada de medidas que reivindicam a mudança em nome de um grupo injustiçado, excluído ou negligenciado – é impulsionado pela identificação de um delito ou de um problema que precisa de ser mudado". A prática ativista de design é usada para com esses grupos a fim de provocar mudanças. Thorpe (2010, p. 10) também percebe o artefato de protesto como sendo “deliberadamente confrontacional, a fim de suscitar a reflexão sobre a moralidade do *status quo*”. Para Luke (2009, p. 27), o ativismo pelo design é “pensamento, imaginação e prática de design aplicados consciente ou inconscientemente para criar uma contra-narrativa destinada a gerar e equilibrar mudanças sociais, institucionais, ambientais e/ou económicas positivas”. Ele dá ênfase na contra-narrativa, pois sugere que assim, diferente da narrativa principal, que é aquela explícita e coletivamente acordada pela sociedade como sendo *mainstream*⁵ ou a que já está implícita no comportamento.

Markussen (2013) faz um contraponto instigante, ele propõe que é no entrelaçamento íntimo entre a estética e o político que acontece uma resposta interessante à natureza ativista do ativismo em design. O autor chama de estética disruptiva, trabalhando com dois aspectos chaves:

⁵ Grupo, estilo ou movimento com características dominantes.

o ativismo do design tem um potencial político para perturbar ou subverter os sistemas existentes de poder e autoridade, aumentando assim a consciência crítica sobre as formas de viver, trabalhar e consumir. Por outro lado, o ativismo do design partilha um potencial estético com o ativismo artístico na sua capacidade de abrir a relação entre o comportamento e as emoções das pessoas – entre o que fazem e o que sentem em relação a isso (Markussen, 2010, p. 39).

Portanto, ao criar essa abertura, o ativismo em design torna maleável o fazer e os sentimentos das pessoas para renegociação. Para fundamentar, Markussen (2013) utiliza os pensamentos do filósofo Rancière sobre a natureza disruptiva do ato estético. No sentido de criar a ruptura, o ato estético deve estar em dissenso ao consenso. O dissenso é caracterizado por ser o contraste do consenso da sociedade, que é a ordem social normativa. Ela determina o que é adequado e impróprio e define os sistemas hierárquicos onde os indivíduos são inscritos em papéis e lugares já acertados. Logo, o “dissenso trata da demonstração de uma certa impropriedade, que perturba o consenso e revela uma lacuna entre o que as pessoas fazem e como elas se sentem e são afetadas por isso” (Markussen, 2013, p. 45). Desse modo, o dissenso estético está na forma sutil em que atravessa e expõe hierarquias que controlam a prática e o discurso dominante, assim ele cria zonas para que processos de subjetivação possam acontecer. A construção do zine Me Chame de Lésbica (Fig. 1) exemplifica como ocorre a prática do design ativista, uma vez que ele utiliza as ferramentas para trazer ao centro questões de um grupo a margem, neste caso, as lésbicas. O conteúdo foi pensado para conceituar a lesbofobia, trazer a importância sobre a interdependência de raça, classe e sexo, memorizar aquelas que já se foram vítimas de lesbofobia/lesbocídio e evidenciar os estereótipos que são relacionados a lésbica. Para uma completa visualização do conteúdo de cada página do zine acesse o link [ZINE ME CHAME DE LÉSBICA](#).

Figura 1 - zine Me Chame de Lésbica planejado.



Fonte: A autora 2024.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, é evidente a importância do combate à lesbofobia, visto as diferentes formas que a mesma assume cotidianamente na vida das lésbicas. Os números mostram a realidade e a invisibilidade é constante. Através do design ativista como ferramenta, o combate à lesbofobia se torna possível. De rápida e potente leitura, o zine possibilita a aquisição de novos conhecimentos e informações capazes de influenciar quem lê. Sendo imprescindível o trilhar em conjunto do design ativista, Pois foi por meio dele que o zine construiu-se como uma contra narrativa através da estética disruptiva, perturbando o consenso.

REFERÊNCIAS

KLEINSORGEN, Natalia. **Lésbicas somos afeto, comunhão, gozo e comunidade.** Medium, 2024. Disponível em:

<https://femeabrava.medium.com/1%C3%A9sbicas-somos-afeto-comunh%C3%A3o-gozo-e-comunidade-13ae9811a72c>. Acesso em: 30 ago. 2024.

KUMPERA, Julia Aleksandra Martucci. **“O lesbianismo é um barato”: o GALF e o ativismo lésbico-feminista no Brasil (1979- 1990).** 2021. Disponível em:

<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1164662>

LORENZO, Ángela Alfarache. **La construcción cultural de la lesbofobia. Una aproximación desde la antropología.** 2012. México. Disponível em:

https://ru.ceiich.unam.mx/bitstream/123456789/3207/1/Homofobia_elect_Cap7_La_construccion_cultural_de_la_lesbofobia.pdf

LUKE , Alastair Fuad. **Design Activism.** 2009. Disponível em:

https://designopendata.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/05/designactivism-beautifulstrangenessforasustainableworld_alastairfuadluke.pdf

MARKUSSEN, Thomas. **The Disruptive Aesthetics of Design Activism: Enacting Design Between Art and Politics.** 2013. Disponível em:

<https://www.semanticscholar.org/paper/The-Disruptive-Aesthetics-of-Design-Activism%3A-Art-Markussen/1384c1cc53bbc299eb4fba69e1acb9e08c7a7321>

PERES, Milena Cristina Carneiro et al. **Dossiê sobre lesbocídio no Brasil de 2014 até 2017.**

2018. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/fontes-e-pesquisas/wp-content/uploads/sites/3/2018/04/Dossi%C3%AA-sobre-lesboc%C3%ADdio-no-Brasil.pdf>

RICH, Adrienne. **Heterossexualidade Compulsória e Outros Ensaios.** 2019. A Bolha Editora.

SOARES, Suane Felipe. **Um estudo sobre a condição lésbica nas periferias do Rio de Janeiro.** 2017. Tese (Doutorado em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva) – Programa de Pós-Graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/96/teses/871667.pdf>

TAGLIAMENTO, Grazielle et al. **I LesboCenso Nacional: Mapeamento de Vivências Lésbicas no Brasil Relatório Descritivo 1ª Etapa.** 2022. Disponível em <https://lesbocenso.com.br/relatorio-primeira-etapa>

THORPE, Ann. **Defining Design as Activism.** Disponível em: <http://designactivism.net/wp-content/uploads/2011/05/Thorpe-definingdesignactivism.pdf>

WITTIG, Monique. **O pensamento hétero e outros ensaios.** 2022. Editora Autêntica.